BRASIL. Ministério da educação e do Desporto. Referenciais Curriculares para a Educação Infantil. Vol. 3, Ministério da Educação ± Brasília: MEC, 2000.

BRASIL, SECRETARIA DA EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL, Lei Darcy Ribeiro (1996). LDB: Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Lei 9394, de 1996 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional; e legislação correlata. 2. Ed. – Brasília: Câmara dos Deputados. Coordenação de Publicações, 2001.

BUENO, Francisco da Silveira. Dicionário escolar da língua portuguesa. 11.ed. Rio de Janeiro: FAE, 1986.

BUORO, Anamelia Bueno. O olhar em construção: Uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola, 4 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

COLL, César [et al.] Desenvolvimento psicológico e educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

CROSS, Jack. O ensino de arte nas escolas, São Paulo: Cultrix, 1983.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da. Pintando, bordando, rasgando, desenhando e melecando na educação infantil.In: Cor, som e movimento: a expressão plástica, musical e dramática no cotidiano da criança. Porto Alegre: Mediação, 1999.

FERRAZ, Maria Heloisa C. de T.; FUSARI, Maria F de Resende. Metodologia do ensino de arte, 2 ed. São Paulo: Cortez, 1999.

FERRAZ, M. Heloísa C.; FUSARI, Maria F. de Rezende. Metodologia do Ensino da Arte. São Paulo: Cortez, 1993.

FUSSARI, Maria F. de Resende; FERRAZ, Maria Heloisa C. de T. Arte na Educação Escolar. São Paulo: Cortez, 1993.

LOWENFELD, Viktor; MAILLET, Miguel (Trad.). A criança e sua arte: um guia para os pais. 2. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

MARTINS, Mirian C.; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M. Terezinha Telles. Didática do ensino de arte: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte, São Paulo: FTD, 1988.

OLIVEIRA, Marilda (org.). Arte, educação e Cultura. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2007, 368p.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Arte Infância e formação de professores: Campinas, SP; Papirus, 2004.

OSTETTO, Luciana Esmeralda (Org.). Educação infantil: Saberes e fazeres na formação de professores. Campinas, SP; Papirus, 2011.

ZAGONEL, Bernadete (Org.) .... [et al.]. Metodologia do ensino da Arte. Curitiba, Ibpex, 2011.

A LUDOTERAPIA E SUAS CONTRIBUIÇÕES NA EDUCAÇÃO INFANTIL

RENATA ALVES DE SOUZA GROSSI

RESUMO

A Ludoterapia na educação infantil é uma ação extremamente importante na vida de uma criança, possibilitando o descobrimento de sua identidade, bem como a produção do saber, que será desenvolvido por meio de anos futuros. Dessa forma a discussão sobre a recreação e o brincar em todas as idades é fundamental, pois não pode ser vista e entendida como simples prática pela prática, mas como disciplina que utiliza o brincar como princípio pedagógico no processo de aprendizagem e na construção do conhecimento, proporcionando um ambiente de experiência, satisfação, aprendizagem, cooperação, socialização e interação com o outro e com o meio, formando sujeitos interativos autônomos e conscientes de suas ações criando e recriando seus próprios conhecimentos sobre o mundo em que vive e sua realidade social.

Palavras-chave: Ludoterapia; Educação infantil; Recreação.

INTRODUÇÃO

Para dar início a discussão sobre as contribuições que a ludoterapia traz para as crianças é de elementar importância respaldarmos algumas definições a respeito do significado do brincar no dicionário, tentando assim, termos uma definição desse ato que é alvo de estudos contidos neste artigo. Brincar no dicionário Michaelis (2009), significa entre outras definições, “divertir-se infantilmente, entreter, folgar, foliar, divertir-se representando o papel de e divertir-se fingindo exercer qualquer atividade”.

Portanto, conclui-se que a ludoterapia traz espontaneidade e alegria para aqueles que o desempenham, e tem em seus aspectos divertimento embutido em seu ato atrativo e interativo, bem como dar subsídios para que haja desenvolvimento do faz-de-conta no desenrolar das brincadeiras.

O ato de brincar apresenta uma visão integrada do corpo e do movimento como reflexo da ordem psíquica e simbólica do universo infantil que favorece o prazer do movimento de forma espontânea, estabelecendo uma relação causal entre a aprendizagem e as condições de adaptação ao meio ambiente social. Nessa perspectiva, a aprendizagem

social e de expressão corporal se efetiva por meio do brincar, cuja representação auxilia no desenvolvimento motor, na medida em que o processo envolve o indivíduo como um todo, pois abrange diferentes domínios que caracterizam seu comportamento: cognitivo, afetivo e motor.

Quando existem necessidades é que a família seja coadjuvante nesse processo, mesmo quando existe um trabalho coordenado por profissionais de psicomotricidade com o auxílio da família poderá favorecer a criança uma forma de se sobressair bem nas relações-problemas relativas ao aprendizado.

As crianças necessitam de interação social e o brincar oferecer essa condição por meio da vivência corporal com função psicomotora poderão desempenhar papel fundamental no domínio de habilidades.

TEORIAS E PRÁTICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

O atendimento na educação infantil vem ganhando espaço nas redes públicas e nas redes particulares, onde existe uma disputa ao garantir espaços físicos adequados, materiais em quantidades e qualidades suficientes a propostas educacionais compatíveis a faixa etária nas diferentes modalidades de ensino. Cabe ao professor na sua formação pedagógica está inserido a todas as inovações nessa área educacional, bem como os saberes docentes que são norteadores para a sua construção de identidade.

A partir de experiências avançadas na área de educação infantil, emerge uma nova concepção de criança, que é construída por um princípio de escuta dos professores em relação à criança.

Por meio da educação a criança se apropria dos objetos criados historicamente pela humanidade e, nesse processo reproduz e incorpora as capacidades, habilidades e aptidões humanas, também historicamente criadas pela humanidade.

Os professores passam a compreender a criança como cidadã, portadora de direitos, capaz, forte, hábil, rica em simbologias e em formas de expressão, com mil faces, curiosa, com desejo de relacionamentos e de comunicação com outras pessoas.

Como espaço promotor de um pleno desenvolvimento das capacidades humanas na criança, a escola passa a oferecer a ela experiências ricas e diversificadas, baseadas em suas percepções, seus direitos e suas particularidades.

A escola abre espaço para as experiências colaborativas, a reciprocidade, o questionamento, o envolvimento entre a criança e seus parceiros (outras crianças e adultos), superando ações pedagógicas comumente baseadas no autoritarismo, na superioridade do adulto em relação à criança, no abreviamento ou no desaparecimento da infância.

De acordo com Leontiev (1988, p. 65):

A atividade principal é então a atividade, cujo desenvolvimento governa as mudanças mais importantes nos processos psíquicos e nos traços psicológicos da personalidade da criança, em um certo estágio de seu desenvolvimento. (LEONTIEV, 1988, p.65)

Nesse sentido, o tempo livre destinado à brincadeira representa condição fundamental para garantia do máximo desenvolvimento nesta etapa da vida, ao invés do ensino forçado e antecipado que acabam por encurtar a infância.

Ao analisarmos as práticas pedagógicas, cabe-nos inquietarmos com a dicotomia que existe entre a teoria e a prática, como se elas não fossem as duas faces de uma mesma moeda. Constatamos, por meio de estudos feitos que, a formação docente é construída historicamente antes e durante o caminho profissional do docente, e que, se faz também no social. Cria-se então um círculo vicioso, onde a formação docente depende basicamente, tanto das teorias, quanto das práticas desenvolvidas na vida escolar.

Quando o docente se apropria do conhecimento e se beneficia das contribuições teóricas referentes às compreensões de aprendizagem, escolhe as melhores formas de trabalhar, vence as dificuldades e vê com clareza as novas possibilidades de uma atuação com qualidade. Assim sendo, as probabilidades de reflexão e crítica sobre as práticas docentes surgem com maior coerência.

O desafio fundamental para o profissional da educação é distinguir e compreender as teorias subentendidas na sua própria prática e, originar condições para que diante das teorias, modifique seus pontos de vista, atitudes, posturas e atuação no exercício educacional.

O professor de educação infantil deve enxergar a criança como ser com necessidades e interesses. Sabemos que nem sempre foi permitida a criança o direito de brincar, a infância foi ignorada, ou seja, a criança era vista como um adulto em miniatura. E consequentemente a visão de infância igualava-se a algo sem importância.

De acordo com Abramowicz (2002, p. 1), a educação de crianças de 0 a 6 anos não é fato recente nas instituições. O que anteriormente eram chamadas de Jardins da Infância, Creches, Pré-escolas, entre outros, a partir da Lei de Diretrizes e Bases da educação Nacional de 1996 - Lei 9394/96, passaram a ser designadas “Educação Infantil”. Este fato, segundo a autora, “denota que a infância passou a ter um espaço próprio de educação”.

Para Abramowicz (2002), fatores como a urbanização, a crescente inserção da mulher no mercado de trabalho, a luta pelo di-

reito da criança à educação e a necessidade de colocá-la em melhores condições para o ingresso no ensino fundamental são alguns fatores que contribuíram para a expansão das instituições de educação infantil.

Segundo Arce (2004):

A história da Educação Infantil, na maior parte dos casos, é inserida como um acessório às discussões que se pretende travar. Ainda permanece como forte eixo o Estado e Políticas Educacionais, apesar do eixo Pensamento Educacional: seus intelectuais e sua difusão concentrar o maior número de produção (ARCE, 2004, p. 13)

As crianças são curiosas, querem saber, já vêm para a escola com uma carga de conhecimentos prévios, de hipóteses sobre a leitura e escrita que enxergam no mundo. Deste modo, a questão não é simplesmente discutir se deve ou não alfabetizar já na educação infantil, mas sim como fazê-lo, considerando as especificidades da criança na faixa etária de cinco e seis anos.

De acordo com Cagliari (1999, p. 106):

mais do que pronta para ser alfabetizada, basta o professor desenvolver um trabalho correto de ensino e de aprendizagem na sala de aula. Nessa idade ela já conheceu e aprendeu muita coisa da vida, do mundo e até da história, já testou sua participação na sociedade, seu relacionamento com pessoas diferentes.

A educação infantil deve atender as crianças pequenas em suas necessidades emocionais, sociais, afetivas, físicas, num espaço aonde as ações desenvolvidas estejam voltadas também para o desenvolvimento do conhecimento, da criatividade e da autonomia.

OS JOGOS E AS BRINCADEIRAS COMO COADJUVANTES NO DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DA CRIANÇA

Os jogos e as brincadeiras fazem parte de movimentos e ações que estimulam o desenvolvimento psicomotor, favorecendo o estímulo à criatividade, à imaginação, exercendo uma forte influência no aprendizado infantil.

A família tem grande importância nesse processo na articulação de ambientes adequados para proporcionar as condições para a criança brincar com uma maior diversidade de experiências para auxiliar no desenvolvimento da inteligência e a usar plenamente o seu corpo.

Com a evolução das brincadeiras a criança começa a se expressar fisicamente de forma mais eficaz, favorecendo a criança construir uma imagem positiva de si própria, tornando-se uma criança mais agradável, preparada criar vínculos e obter cooperação dos outros com o uso da expressão corporal.

Por meio de jogos e brincadeiras, a criança desenvolve suas aptidões perceptivas como meio de ajustamento do comportamento psicomotor, as atividades coordenadas favorecem a educação psicomotora com a prática do movimento.

O intelecto se constrói a partir da atividade física e o desenvolvimento das funções motoras (movimento) não pode ser separado do desenvolvimento intelectual (memória, atenção, raciocínio) nem da afetividade (emoções e sentimentos). Portanto, para que o ato de brincar se processe adequadamente é indispensável o domínio de habilidades psicomotoras através de um acompanhamento especial da família e de outros profissionais que devem dar suporte à família para realizar ações de planejamento de como desenvolver as brincadeiras com acriança.

A criança vive num mundo de significações, onde os gestos querem dizer alguma coisa, o corpo tem um sentido que pode sempre ser interpretado e traduzido. Na visão de LaPierre e Aucouturier (2004, p. 231) "existem os comportamentos inatos que a criança manifesta e comportamentos aprendidos".

Os comportamentos adquiridos das aprendizagens básicas podem ser considerados como os de higiene pessoal e alimentação, fazem parte da formação da personalidade e da imagem corporal. O desenvolvimento psicomotor da criança é de fundamental importância para sua vida. É preciso que a criança possa assimilar cada um de seus progressos antes de adquirir um novo.

BRINCAR, APRENDIZAGEM E MEDIAÇÃO NA ESCOLA

Em relação às perspectivas da família com a escola de seus filhos, encontram-se várias ideias, de que a instituição escolar "eduque", naquilo em que a família não alcança. A família não é a única via pela qual se pode tratar a questão da socialização, mas sim um ambiente privilegiado, uma vez que tende a ser o primeiro grupo social, no qual a criança tem acesso. A família constitui uma das mediações entre o homem e a sociedade. Porém, é na escola, que este processo assume sua função educativa. O brincar assume novo contorno, então assim como a escola está tendo que se adaptar a essas mudanças, as famílias precisam entender essa nova realidade que permeia a vida de seus filhos e perceber que a escola deve ser seu parceiro nesta travessia, nunca o agente determinante.

Para a escola, este brincar precisa ser amplamente entendido como uma ferramenta onde favorecer a brincadeira, não significa simplesmente deixar que as crianças brinquem sem que seja feita nenhuma intervenção.

A aprendizagem decorrente da brincadeira vem da experimentação que a atividade propicia. As maneiras de mediação que os professores podem utilizar no ambiente da educação são amplas, basta que ele reco-

nheça o valor e a utilidade dos objetos, dos ambientes, da sua ajuda e orientação, e principalmente da sua organização, para assim alcançar seu objetivo pedagógico, no brincar dos educandos.

O PROFESSOR E SUA RELAÇÃO COM O BRINCAR

O professor deve ter em mente que ir à escola é uma atividade fundamental para a educação infantil e que, graças a isso, a criança pode se expressar e se desenvolver física, mental e socialmente. Além disso, é preciso compreender os momentos evolutivos em que a criança se encontra.

A relação do professor será caracterizada por orientar, dar ideias e incentivar as crianças durante as brincadeiras. Essa forma de agir por parte do adulto será longa em cargos gerenciais, organizacionais, sérios e desgastantes, pois a criança deve ver em seu professor alguém que possa ir com uma atitude mais descontraída.

Por sua vez, como toda brincadeira é governada por regras (as da imaginação), brincar constrange as crianças ao mesmo tempo em que as libera, ou seja, ajuda-as a dominar impulsos imediatos e a se controlar pelo bem da brincadeira, criando um desejo de segunda ordem, um afeto que incorpora outro afeto. Nela as crianças criam necessidades e desejos relacionando-os a um 'EU' fictício e se apropriam de normas sociais. Isso possibilita a criação de uma situação imaginária que tem que se articular com as limitações colocadas sobre as possíveis ações que ocorrem no jogo. (OLIVEIRA, 2011, p. 78).

Para desempenhar esse papel de forma otimizada, deve-se levar em consideração:

O desenho do espaço. O espaço deve ser seguro, estável e calmo. A sala de aula deve ser estruturada de forma que ocorram brincadeiras espontâneas e livres, assim como brincadeiras com regras e propósitos educativos em pequenos grupos e em todo o grupo.

O material para a brincadeira. O material utilizado será o "pretexto" para o qual a brincadeira se realizará. Estas devem ter tais características que favoreçam o pensamento divergente e a criatividade.

A organização dos tempos de jogo. O tempo deve ser organizado de forma que cada tipo de jogo ou brincadeira possa acontecer: individual, em duplas, em grupos, estruturado, livre. Todos eles trazem benefícios para a criança e é por isso que todos devem aparecer.

Atitude do professor. A posição do professor deve ser discreta, observadora e atuar como condutora da brincadeira ou do jogo. Para isso, deve ser criado um clima descontraído e permissivo, ao qual a criança possa se expressar respeitando as regras e o professor deve aceitar os erros que ela comete como algo normal dentro do processo de seu desenvolvimento.

Precisamos entender o que está acontecendo no trabalho pedagógico e o que a criança é capaz de fazer sem procurar continuamente classificá-la em uma estrutura predeterminada de expectativas ou normas. Ao lado disso, temos a possibilidade de observar que cada sujeito tem um percurso pessoal e que o acompanhamento das aprendizagens é a única maneira de não valorizar apenas o resultado, mas sim o valor e visibilidade a todo o percurso construído no processo de aprendizagem. Afinal, a documentação sempre nos diz algo sobre como construímos a criança e nós mesmos como pedagogos. (BARBOSA; HORN, 2008, p. 103).

As crianças que brincam são altamente cognitivas; não apenas categorizam, sistematizam, ordenam e relacionam os elementos necessários à sua atividade (em busca de proporção e harmonia), mas seus temas, formas de brincar, desenhos e construções revelam que conhecem a linhagem familiar, os valores da a cultura e os modelos sociais a que pertencem.

Na atividade lúdica, podem-se vislumbrar os arquitetos e engenheiros do futuro, pois as crianças vislumbram as cidades, as vilas, os bairros, os lugares históricos e o significado que têm deles. Fazem grandes rodovias que ligam lugares, pontes que permitem a passagem por áreas acidentadas. Elas também podem se tornar agrônomos, paisagistas, veterinários, zootécnicos, expressando seu senso de natureza, porque os campos que desenham são preenchidos com o verde das plantações, a cor das árvores frutíferas e vegetais ou mostram o acasalamento e a domesticação dos animais.

Em suma, as crianças, por meio de suas brincadeiras, mostram seus saberes e raízes culturais, bem como seu dinamismo para se situar na vida social e o professor é parte fundamental durante as observações nesses momentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente, as crianças e as questões relacionadas à infância estão cada vez mais presentes nas agendas políticas, na mídia e nas investigações cientificas. Porém, apesar da visibilidade dada a essas categorias, observa-se a ausência de políticas públicas que de fato sejam capazes de assegurar às crianças condições dignas de vida.

Paralelamente ao reconhecimento da infância, surgiram conhecimentos e teorias propagadas por diversas áreas do saber para regulamentar e direcionar a vida das crianças nas famílias e nas instituições.

A criança, na fase inicial de sua vida poderá apresentar necessidades especiais, a partir de experiências que favoreçam a crian-